

## Prefácio

Trajano e outros da Silva: Composição dramática ou documental? Creio ser apenas a realidade constante, inconsolável, vil, induzida, conduzida e injustificável do povo brasileiro que depende do trabalho no campo, nas poucas propriedades rurais ainda não automatizadas com máquinas que substituem uma vasta população operária.

Os Trajanos e Juvêncios da Silva, roceiros boias-frias, eternos reféns de um sistema desarticulado, falsificado, obscurantista e até emético, continuam por toda parte sendo iludidos desde que foi proposto o *Estatuto do Trabalhador Rural*, introduzindo a eles a mesma sistemática trabalhista dos assalariados urbanos. Desde então são esquecidos e postergados pelos que formam o poder maior. - *Quis Neget?... Nemo hoc non videt.*

Uma das propostas para a reversão dessa situação é a tomada de uma nova postura pelos Trajanos e Juvêncios da Silva. É preciso que gerem suas próprias alternativas para uma grande reforma do sistema, passo a passo, partindo do âmago das entranhas roceiras-boias-frias, para a libertação, desprezando a apiedação, a embirração, a aperreção e sem praticar nenhum desregramento.

Somente assim o grito ecoante dos Trajanos, Juvêncios e outros da Silva, fará com que seja restabelecido o aparato social ruralista que impedirá a esterilidade de vidas similares às de Trajano e outros da Silva.

## Lamentação

Ainda madrugada e na casa do roceiro Trajano da Silva, como assim é na casa de todo roceiro, aqueles que trabalham na roça, já estão se preparando para o trabalho.

Trajano da Silva, velho e doente, da sua cama, observa o filho José, que na espera da marmitta que a mãe, de nome Aparecida, lhe prepara. Extasiado, folheia um livro. No rádio, o som da música sertaneja.

Depois que Trajano adoeceu, todos os seus compadres e companheiros de trabalho, antes de irem para a roça, passavam na sua casa. Num desses dias, os roceiros chegaram acompanhados pelo agora mais velho, Juvêncio da Silva, um dos compadres de Trajano, que entra dizendo:

Vejam só  
quem já bem cedo a nos espreitar...  
O carijó ainda não saiu do poleiro  
e o compadre Trajano,  
parecendo fazendeiro,  
armando pose  
pra da cama apear.

### Trajano

Meu chegado compadre Juvêncio,  
vosmecê é mesmo um da Silva...  
Pois quem me dera tamanha graça?  
Dantes, madrugava pra roçar  
e agora, neste estado,  
acordo mesmo cedo é de pirraça,  
esperando que venha o cavalo da morte,  
pra eu mais do que logo montar.

### Juvêncio

O compadre Trajano está mais do que vivo  
e fica pensando em se tornar finado,

esquecendo que o seu anejo nesta vida  
ainda não está por inteiro acabado.

## Trajano

Esta vida...  
Todo esse tempo  
e, da minha vida...  
Nada sei.  
Esta vida...  
A nossa vida...  
Uma vida desgramada,  
vida abrutada e fria  
e, é por essa vida,  
por esta casa abespinhada,  
por esta cama mirrada,  
pela comida...  
Que sempre está fria,  
que este,  
quase defunto Trajano,  
deixou de ser o Trajano da Silva,  
nome recebido de criança na pia,  
pra ser o Trajano da Boia Fria.

Trajano da Silva,  
que negado lhe foi ser outro homem  
e que foi até mesmo prendado  
com outro sobrenome,  
perdendo o da pia,  
passando a ser chamado de Trajano...  
Trajano Boia Fria.

Trajano da Silva,  
que nunca pode mesmo nem muito pensar,  
pois se pensasse...  
O Trajano Boia Fria poderia querer.

Trajano da Silva,  
que nunca pode mesmo nem muito falar,  
pois se falasse...  
O Trajano Boia Fria poderia ofender.

Trajano da Silva,  
que nunca pode mesmo nem muito perguntar,  
pois se perguntasse...  
O Trajano Boia Fria poderia descobrir.

Trajano da Silva,  
que nunca pode mesmo nem muito aprender,  
pois se aprendesse...  
O Trajano Boia Fria poderia incomodar.

Trajano da Silva,  
que nunca pode mesmo nem muito cultivar,  
pois se cultivasse...  
O Trajano Boia Fria poderia concorrer.

Trajano da Silva,  
que nunca pode mesmo nem muito ganhar,  
pois se ganhasse...

O Trajano Boia Fria poderia parar.

Trajano da Silva,  
que nunca pode mesmo nem pouco chorar,  
pois se chorasse...  
O Trajano Boia Fria poderia convencer.

Trajano da Silva  
ou Trajano Boia Fria,  
que só mesmo pode  
é ter as mãos grossas,  
apinhadas de calos  
e passar a vida toda  
sonhando com regalos.

Trajano da Silva  
ou Trajano Boia Fria,  
que só mesmo pode trabalhar,  
roçar e cavar,  
roçar e semear,  
roçar e colher,  
roçar e rastelar,  
roçar e aventar,  
roçar e roçar...  
E, no fim do dia,  
quase no escurecer...  
Chegar em casa sem a patroa perceber,  
só pra não ter que ouvir outra vez,  
que não tinha nada pra comer.  
Procurar um canto  
e se entrevar numa pestana,  
enquanto o filho  
dormia amochado na cama.  
Nessa dormência,  
quantas e quantas vezes  
chegar até mesmo a delirar...  
Delirar com bons salários  
e acordar de repente,  
assustado e aperreado,  
lembrando dos donos das terras  
e, principalmente,  
daqueles mais ordinários.  
E, quantas e quantas vezes,  
naquela tamanha acabrunhação,  
ter que esperar calado  
que a noite se adentrasse  
e mais um dia terminasse,  
enquanto os donos das terras,  
que fazem sempre e sempre  
o que melhor lhes convém,  
que esperam contentes o fim do dia  
e, quando a noite já se vai adentro,  
sempre, sempre dizem...  
Que amanhã seja ainda melhor  
e assim sejam todos os dias e dias,  
amém!  
E por isso digo...  
Esta vida de roceiro,  
como foi a minha,  
que a morte pra ela

não seja tardia,  
pois estou desacorçoado  
de ser o Trajano,  
não o de sobrenome Silva,  
mas o Trajano,  
Trajano Boia Fria.  
E é por tudo isso que sempre,  
sempre e sempre pergunto...  
Onde está Nosso Senhor Jesus Cristo,  
será não vê Ele tudo isso?

## Aparecida

Não se aperreie com Jesus não.  
Essas desgraças,  
essa nossa pobreza,  
a fome,  
o destrato,  
o acochamento,  
não são lá do alto não.  
Em vez de ficar nesse praguejamento,  
junte as mãos e faça uma reza,  
uma ladainha, uma oração.  
Reze uma oração de igreja  
ou dê um grito de saravá,  
mas...  
Não se aperreie com Jesus não.  
E vosmecê, meu filho José,  
não se atente pelo blasfemado.  
Procure trabalhar,  
mesmo que seja debaixo de sol  
ou até mesmo debaixo de chuva,  
dessa mesma chuva que molha a terra,  
terra que o enxadão cava,  
cava a cova,  
não pra um defunto morto,  
mas pra semente que vosmecê enterra  
e que depois será uma planta.  
Planta, que tua não será,  
mas que irá parir a fruta.  
Fruta, que tua também não será  
e, que por isso,  
riqueza não te trará.  
Será primeiro fruta verde,  
que o tempo deixará madura,  
bichada,  
que será colhida,  
catada,  
ensacada,  
vendida,  
barganhada  
ou até roubada,  
mas que um dia, qualquer dia,  
irá pra um caldeirão,  
depois irá pra uma mesa qualquer,  
mesa de tábua de caixão,  
de peroba,  
ou pra mesa dos endinheirados,  
ou das igrejas,  
ou do patrão.

Uns, comerão de montão...  
Outros, com a mão...  
Outros, só pra encher mais a barriga...  
Outros, pra enganar a fome,  
outros, pra engordar as lombrigas...  
Outros, pra continuar na roça,  
mesmo que a comida seja fria,  
como acontece com todos...  
Todos os boias-frias.  
E, pra vosmecê, meu filho José,  
isso é que eu não queria  
e muito, muito menos,  
escutar vosmecê ser chamado de José...  
José... Boia Fria.

## Trajano

Perdoem meus compadres  
essa minha patroa,  
ela vive falando à toa,  
fazendo reza pra todos os santos  
e acendendo velas aí pros cantos.

## Juvêncio

Meu chegado compadre Trajano,  
tranque esses dentes e fique calado.  
Trate desse seu padecimento  
e esqueça de tudo aquilo ter falado.

O nosso caso ainda será resolvido,  
disso ainda tenho esperança...  
E essa nossa vida de roceiro,  
será talvez um dia, lembrança

## Trajano

Meu compadre Juvêncio da Silva,  
eu estive sempre, sempre,  
a vida toda  
esperando por esse bom dia,  
quando os donos das terras  
e de qualquer plantação,  
dos roceiros se apiedarão.

## O filho de Juvêncio da Silva, de nome Sebastião, intervém:

Mas... Seu Trajano,  
apesar da gente não ter muito regalo,  
todo dia fica um bom dia  
quando se tem algum trabalho.

Veja, seu Trajano,  
a vida dos sertanejos lá do norte  
que rezam, não por um bom trabalho,  
mas pra uma boa e santa morte.

## Trajano

Por esse seu inesperado falatório,  
parece até que não é um da Silva,  
pois está mostrando ter medo da morte.  
Não fique se alebrando  
do povo lá do norte,  
pois temos aqui os nossos afitos  
e nossos desgraçamentos,  
o nosso povo do mato  
e o povo roceiro,  
vivendo sempre e sempre  
à procura de mais sorte,  
mesmo aqui não sendo  
igual aquele cativoiro.

### Um roceiro

Seu Trajano,  
mudança nessa vida nossa  
um dia ainda acontece,  
como diz José, tua cria,  
que está criando topete  
e tem feição de moço prendado  
e um dia vai ser, tenho certeza,  
nosso grande homem letrado.  
E é bom pro teu José,  
que tenha conhecido esta vida,  
a nossa vida de roceiro  
e tenha empinado a enxada no grotão,  
que tenha andado com fome  
e com os pés no chão,  
que tenha também sentido no lombo,  
a força do vento e o sol bem forte,  
o relento, o dolorido frio da geada  
e as chuvas vindas do sul e do norte.

### Trajano

A ardência do sol queima a nuca  
e também esquenta a anca.  
A chuva... A chuva...  
Não faz com que entorne o poço.  
O relento,  
a geada e o ar frio,  
sempre trincam o osso.  
O vento,  
não traz nunca a esperança,  
e isso tudo deixa marcas no corpo,  
enruga o rosto  
e ainda traz muito desgosto.

Essa vida...

De enxada sempre nas mãos,  
desde menino, de pés no chão.  
Agora, velho e cansado,  
cheio de calos nas mãos.

Essa vida...

De enxada sempre nas mãos,  
desde menino, esperando pela sorte.  
Agora, velho e cansado,  
pedindo pra que venha logo a morte.

Essa vida...  
De enxada sempre nas mãos,  
desde menino, sonhando com um bom gosto.  
Agora, velho e cansado,  
vivendo ainda no desgosto.

Essa vida...  
De enxada sempre nas mãos,  
depois de moço e já homem calejado,  
sonhando ainda um dia ser aposentado.  
Agora, velho e cansado,  
vivendo só adoentado.

Essa vida...  
De enxada sempre nas mãos,  
desde menino,  
desde moço,  
ajuntando marcas pelo corpo.  
Depois de homem acochado  
e agora, velho e cansado,  
carece ficar aqui  
estirado nesta cama,  
definhado e quase parado.

Essa vida...  
De enxada sempre nas mãos,  
desde menino criança,  
desde moço barbado,  
desde homem calejado,  
velho e cansado,  
ainda tem que suportar este andaço,  
este corpo todo marcado,  
que esperou a vida toda  
ver um dia,  
que um pai de santo  
ou um governista,  
ou um doutor dos mais letrado,  
dizer pra todos nós...  
Pros agregados,  
pros camaradas,  
pros meeiros,  
pros tarifeiros,  
pros mensalistas  
e pra todos os roceiros,  
que essa vida acochada de Boia Fria  
agora vai ter sua mudança,  
que a liberdade pra todos já veio  
e, de agora em diante,  
ninguém mais vai viver de lamentação.  
E voscêz agora, devem ir andando,  
pois o patrão e também os gatos  
devem a mais de hora,  
estarem esperando.  
Prosa fiada,  
não enche barriga de ninguém  
e muito menos de roceiro,  
a não ser que seja enteado do diabo  
ou ainda afilhado muito chegado  
de algum grande santo milagreiro.  
Na hora de enganar a fome,

lembrem aqui do velho Trajano,  
que passou a vida toda  
esperando sempre e sempre,  
melhorar no outro ano  
e ganhar um pouco mais de dinheiro...  
Mas, que agora, este Trajano da Silva,  
Velho, doente e cansado,  
só mesmo espera  
é por um bom e rápido coveiro.

Todos os roceiros se despedem de Trajano e se retiram. Trajano permanece deitado olhando para o nada. O último a sair da casa é José, após rápida despedida, pedindo a benção de Trajano e Aparecida.

## Capinação

Ao saírem da casa de Trajano, a maioria em silêncio, são apressados por Juvêncio:

Vamos lá meus compadres...  
O dia está clareando  
e é hora de ir andando.  
Coloquem os pés firmes no chão,  
pois o trabalho ainda é  
mais que precisão.

Vamos lá meus compadres...  
Andando todos, vamos indo,  
homens, mulheres e meninos.  
Esqueçam agora o pessoal de casa,  
do contrário o dia cresce e não passa.  
Vamos lá meus compadres...  
Andando todos, vamos indo,  
que o sol está quase saindo.  
Parem agora de falação,  
pois o que nos espera  
é muita e muita capinação.

Os roceiros, ao chegarem na roça, iniciam a arrumação das ferramentas. Juvêncio continua seu falatório:

Vamos lá meus compadres...  
Outra vez estamos aqui pra roçar  
e agora nem mesmo adianta rezar.

Vamos lá meus compadres...  
Limem a enxada e vamos indo  
que o patrão deve estar vindo.

Vamos lá meus compadres...  
Empinem a enxada sem desfeito  
como todo dia, do mesmo jeito.

Vamos lá meus compadres...  
Não podemos ficar parados  
senão seremos trocados por arados.

Vamos lá meus compadres...  
Comecem e façam logo a apartação  
senão temos que fazer a repetição.

Vamos lá meus compadres...  
Não fiquem se alebrando da fome  
que depois deste trecho a gente come.

Vamos lá meus compadres...  
Que alguém espante esta sufocação,  
cantando uma moda pra nossa apreciação.

Fez-se silêncio... o único barulho era o raspar das enxada pelo chão duro. De repente, um dos roceiros começa a cantarolar:

Todo dia é de sol  
toda noite é tão fria  
levanta que o dia já vem  
levanta o café tá no fogo  
se apega na reza em Deus  
se apega na força dos braços  
se apega nisso tudo e diz:

“pega esse pau de arara,  
pega esse pau de arara  
e vai ganhar o pão”.

E assim todos têm um lar para cuidar,  
pois todo sustento vem da terra,  
é a descendência de arar o chão,  
nascem outros roceiros,  
pra seguir na luta ou não,  
pra ser mais um Boia Fria  
ou mudar a condição...

“pega esse pau de arara,  
pega esse pau de arara  
e vai ganhar o pão”.

Nove horas. O sol, a cada minuto, mais forte e indo a pino. Estava o roceiro ainda a cantar, quando José, filho de Trajano, avisa a todos que é chegada a hora da primeira parada:

Parem agora a roçada e a cantoria,  
que chegou a hora de enganar a fome.  
Antes, cada um que faça sua reza,  
sua pedição, sua oração,  
pois preciso de todos, atenção.

Todos os roceiros procuram as poucas sombras das árvores, cada um com a sua marmita e começam a comer. José continua a falar:

Mesmo sendo ainda pouco moço  
e ter pouco pêlo de barba no rosto,  
queria falar como daqui o mais letrado  
e peço licença pra ser escutado.

Muitas coisas que nas letras aprendi,  
que agora preciso contar  
e dar alguma informação...  
Por isso, o que primeiro vos peço  
é que não barganhem o sim pelo não.

Sei que é desgramada a vida de roceiro,  
sempre mastigando comida fria  
e, como desde menino, ainda criança,  
do velho Trajano eu já ouvia:  
- Roceiro passa a vida abespinhado  
e sempre com a barriga vazia.

Não esperem milagre desta minha falação,  
mas acredito que chegou a hora,  
o momento de existir um medianeiro  
que já tenha sido um matuto,  
um enfadado Boia Fria,  
um amesquinhado roceiro.

Vou primeiro começar a vós dizendo,  
que chegou o tempo dos homens do campo  
se reunirem e fazerem seu agrupamento,  
pois...  
Mormente, quem de nós tiver atrevimento  
de querer sozinho viver,  
não vai jamais conseguir de ninguém...  
O acatamento.

Não podemos esperar muito  
dos donos das terras  
e dos engravatados deputados,  
nem que despenque do céu  
uma boa solução.  
Não podemos pensar mais em embirramento,  
pois temos que resolver nossa situação.

Não adianta muito rezar,  
fazer muita petição,  
esperando que Deus fique apiedado  
e mostre a sua milagrosa resolução.  
Também não podemos ficar acarraçados,  
com medo dos maquinários e dos arados.

Não podemos nunca fugir  
desses aperreados momentos,  
nem ficar acaçapados nos apertos  
senão acabamos virando migrante  
ou... Que o bom Deus nos livre e guarde,  
da gente acabar virando um caipora,  
um andante.

Não podemos esperar  
só pela acolhença da lei,  
pois pra tudo e pra todos  
e não só pros penuriosos,  
existe hoje em dia uma lei,  
uma ordem ou uma obrigação  
que atacam,  
mas que também defendem  
qualquer homem,  
podendo ser ele  
da cidade grande  
ou até mesmo um padre,  
um doutor,  
um fazendeiro,

um coronel  
ou até mesmo um roceiro.  
Por isso, temos que nos orientar  
e não só pensar nos fatos de direito,  
mas também nas nossas obrigações  
que devemos deferenciar.

Não é nenhuma desnaturação  
ou até mesmo desagradamento,  
nos chamarem de matuto,  
de jeca, de pé no chão  
ou até de Boia Fria...  
Precisamos sim é mostrar  
que temos somente a barriga  
e não a cabeça  
apalermada e vazia.  
Nós temos condições de nos revivar,  
viver melhor, criar a filharada  
e não sermos despejados  
no tempo das águas.  
Temos que começar desde agora  
a dar valor aos nossos predicados,  
como os de mexer com a enxada  
e também como os de manejar os arados.

Não é nenhum desregramento,  
mas temos que fazer nossa meação  
e, nos tempos fracos e nos das águas,  
se vier ainda maior carência,  
temos que fazer nosso mutirão.

Vejo que estamos no abeiramento  
de ter mesmo que fazer migração,  
pois os roceiros,  
os meeiros,  
os agregados,  
os tarefeiros,  
os diaristas  
e até mesmo os mensalistas,  
estão recebendo o acossamento  
e ficando apeados,  
perdendo seus lugares pras máquinas  
e pros grandes colhedores e arados.

Hoje em dia, não são muitos  
os que vivem como roceiros,  
pois agora,  
até a temporada das plantas  
e de quase todas as safras,  
estão sempre mudando.

Do café,  
os donos das terras  
e das plantações,  
não estão mais atinando.  
Preferem formar pastos  
ou fazer das terras já tigueras,  
novas cidades com grandes avenidas,  
prédios, jardins e muitos outros gastos.

Por isso,  
temos agora pro nosso trabalho  
ficar mais derreados  
e não mais cometer  
nenhum tipo de desregramento,  
nem ser roceiro grampudo  
e muito menos birrento.

Temos que cuidar dos nossos respeitos,  
principalmente com deferência  
dos nossos muitos deveres,  
pois assim outros aparecerão  
e cuidarão dos nossos direitos.

Repito mais uma vez,  
mesmo que cause enfado...  
Chegou a hora dos roceiros  
tomarem de vez uma posição,  
acasalados numa só intenção...  
A de mudarem essa vida,  
pois se torna precisão.

A situação de todos os roceiros  
tem que ser resolvida  
por gente roceira,  
que conheça esse povo  
e não faça nenhuma besteira.

Não podemos mais  
viver na espera de apiedação  
ou na espera que uma boa alma,  
resolva todo esse nosso caso  
com a sua solução.

Sei que não será  
somente através de mais trabalho,  
que conseguiremos nossa libertação.  
E, para que a falta de trabalho  
não seja mais um atrapalho,  
desde já devemos em casa  
começar com uma boa arrumação.  
Todos devem ter alguma ocupação...  
Os pequenos,  
frequentarem o aprendizado,  
pra não se tornarem pedintes  
e também pra que mais tarde,  
tenham um bom trabalho  
e sejam valorizados.

Os agregados e os diaristas,  
os mensalistas e os tarefeiros,  
os meeiros e todos os roceiros,  
ninguém pode apresentar retraimento...  
Todos devem procurar viver  
num só agrupamento.

Assim,  
juntos conseguirão maior acolhença,  
mesmo que seja por benquerença.  
Pra conseguir justiça e acatamento,

temos que juntos fazer alguma coisa,  
pra essa abespinhada vida mudar...  
Somente assim  
conseguiamos ser lembrados,  
receber outro tipo de tratamento  
e se livrar pra sempre  
dessa situação de agravamento.

Estava José a falar, quando foi interrompido por uma mulher que chega ofegante e no afobamento, diz:

Desculpem a intromissão,  
mas é motivo de precisão.  
Devem agora todos irem embora,  
pois o compadre Trajano da Silva...  
Já se tornou finado  
e faz mais de hora.  
Encomendado já foi o seu corpo,  
precisamos então acompanhar a ladainha  
e fazer um respeitoso guardamento,  
pois o espírito do compadre Trajano  
está em arribamento.

Tal era o respeito que o roceiro Trajano da Silva tinha dos outros roceiros, que todos os que ali se encontravam, deixaram a roça e se dirigiram rapidamente para a sua casa.

Juvêncio da Silva, mesmo sendo o mais velho dos que se encontravam na roça, foi o primeiro a sair em disparada.

José, que teve a companhia de Sebastião, filho de Juvêncio da Silva, foram os últimos a saírem da roça. José, parecendo absorto, ficou paralisado por algum tempo, talvez, revivendo algumas das atitudes ou alguns dos métodos aplicados pelo velho pai Trajano durante sua vida... E só depois caminharam silenciosos.

## Passamento

Os roceiros, um a um, foram chegando na casa de Trajano. O corpo estava estirado num caixão todo recoberto de morim roxo e já estava sendo velado por algumas mulheres que sussurravam vagarosamente a ladainha dos Santos.

Os roceiros chegavam e se aproximavam do caixão... e aos poucos também começavam a responder o *“olhai por ele”*, do chamado da ladainha.

Com a chegada de José, que rapidamente se aproximou do caixão, a ladainha foi interrompida e somente após um breve silêncio foi recomeçada.

José afasta-se do caixão e é acompanhado pelos homens até o lado de fora da casa... e, em voz baixa, começa a falar:

Não emudeçam pelo Trajano que morreu,  
mas lembrem-se,  
lembrem-se sempre e sempre,  
de como esse agora defunto morto viveu.

O modo da vivência de Trajano da Silva,  
aí agora falecido,  
não pode por ninguém  
passar por despercebido.

Esse agora finado Trajano,  
desde menino viveu sonhando

por melhor vida...  
Passou todo seu tempo esperando.

Esqueceu que ainda um dia,  
com o passar do tempo,  
teria mais idade...  
Mas ficou esperando pela felicidade.

Esqueceu que poderia sua vida  
ter de novo recomeçado...  
Mas preferiu viver sempre  
sonhando estatelado.

Esqueceu que a aperreação  
sempre tem acerto...  
Mas preferiu viver sempre  
na tristeza e no aperto.

Esqueceu que sua vivência  
poderia mudar e ser diferente...  
Mas preferiu viver estancado  
e... Sempre descontente.

Esqueceu de buscar  
melhor sabência  
pensando que roceiro  
sempre teria a preferência.  
Esqueceu de procurar  
para sua vida, a libertação,  
esperando que Deus  
fosse dar uma solução.

Esqueceu que um dia surgiriam  
as colheitadeiras e tratores com arado...  
E ficou sem progredir  
e sempre no seu canto... Parado.

Esqueceu que não poderia  
a vida toda ser roceiro somente  
e ficou esperando por milagre  
e repetições de antigamente.

Esqueceu de melhorar  
suas práticas roceiras  
e ficou esperando vingar  
suas prosas e besteiras.

Esqueceu que o homem  
não pode viver na ignorância  
e ficou esperando  
melhorar sua vida por circunstância.

Esqueceu também de resolver  
seus problemas e sua situação  
e ficou esperando que talvez um dia  
pudesse vir a acomodação.  
Esqueceu que tinha que correr  
atrás dos seus muitos regalos  
e ficou se lamentando  
pelos seus doloridos calos.

Esqueceu que a sua vontade  
se tornaria cada vez mais distante  
e ficou esperando por apiedação  
e quase se tornou migrante.

Esqueceu que estava  
de passagem por este mundo  
e ficou esperando não sei o que,  
até que se tornou moribundo.

Esqueceu que,  
desde quando ainda menino,  
já deveria ir curando  
as marcas do seu corpo...  
E assim não feito  
e depois de moço,  
passou a viver como um vivo-morto.

Esqueceu que sua vida  
ia um dia acabar...  
E ficou esperando,  
esperando...  
Sempre esperando  
a sua situação melhorar.

Esqueceu que um dia,  
um dia viria a morte  
e passou toda sua vida...  
Desde menino,  
desde moço,  
desde já homem  
e mesmo depois  
de já velho e cansado,  
esperando... Esperando  
pela chegada de mais sorte.

E aí está agora  
o finado Trajano da Silva,  
que perdeu quase tudo,  
até o seu sobrenome,  
o Silva,  
recebido de batismo na pia  
e passou a ser chamado  
de Trajano...  
Trajano Boia Fria.

Trajano...  
Que dizia ter sido  
por Deus esquecido,  
mas que nada fez por si só,  
para melhorar sua vida...  
E não deixará nada  
depois desta tua ida,  
a não ser um triste conto,  
pra não ser por ninguém seguido.

Peço agora  
que me acompanhem no sepultamento,  
pois ficar aqui

com o defunto Trajano,  
só causa mais entristecimento.  
Amanhã,  
mesmo sem o Trajano da Silva,  
será do mesmo modo  
como todo dia,  
principalmente pra roceiro...  
Boia Fria.

Todos saem acompanhando o enterro. Juvêncio da Silva e outros roceiros carregaram o esquife. Durante o trajeto todos respondiam ao chamado das orações. No cemitério, enquanto o esquife estava sendo preparado para ser colocado na cova, um dos roceiros, sobrepondo as orações, diz:

Pra que chorar  
por este agora finado  
que está sendo aqui enterrado,  
se desde que ele foi parido,  
o dia de chegar aqui  
já estava escrito?

Pra que ficar triste  
com a vinda da morte,  
se talvez,  
pra quem com ela está  
tenha sido de mais sorte?

Pra que lamentar a morte,  
que é caso certo  
e não se muda,  
se talvez  
ela não seja nenhuma surpresa  
pra quem sempre se cuida?

Pra que ficar com essa manhêra  
na frente deste miserento caixão,  
que esconde o corpo defunto  
e que agora vai a sete palmos  
ou talvez até mais bem fundo?

Enquanto o roceiro falava, o esquife foi colocado na cova. Terminado, todos que tinham acompanhado o enterro foram vagarosamente se retirando. Juvêncio, Sebastião, José e Aparecida são os últimos a se retirarem... Era o fim de uma vida, o fim de Trajano da Silva.

## **...E outros da Silva**

Passados alguns anos da morte de Trajano da Silva, a vida dos roceiros continuava sem muita mudança... A não ser a de José, que havia decidido deixar o trabalho de roceiro.

Um dia, ainda madrugada, na casa de Juvêncio da Silva, como assim continua sendo na casa de todo roceiro, todos que trabalham na roça já estão se aprontando para o trabalho.

Juvêncio da Silva, agora já velho e adoentado, da sua cama, observa o filho Sebastião, que na espera da marmita que a mãe, de nome Maria, lhe prepara. Extasiado, folheia um livro. No rádio, o som da música sertaneja.

Com Juvêncio velho e doente, todos os roceiros e seus compadres, antes de irem para a roça, passavam pela sua casa. Num desses dias, os roceiros chegaram acompanhados por Aparecida, esposa do finado Trajano, que entra dizendo:

Vejam só,  
quem já bem cedo a nos espreitar...  
O carijó ainda não saiu do poleiro  
e o compadre Juvêncio,  
parecendo fazendeiro,  
armando pose  
pra da cama apear.

Estava Aparecida a falar, quando José, antes de ir para o trabalho, como fazia todos os dias, chega na casa de Juvêncio e fica, da porta, observando atentamente o que ali está se passando.

### Juvêncio

Minha comadre Aparecida,  
vós mercê é mesmo uma da Silva,  
pois quem me dera tamanha graça?  
Dantes,  
como também o seu finado marido,  
o meu chegado compadre Trajano...  
Que Deus Nosso Senhor o tenha,  
eu madrugava pra roçar.  
Agora, neste estado,  
acordo mesmo cedo é de pirraça,  
esperando que venha o cavalo da morte,  
pra eu mais do que logo montar.

### Aparecida

O compadre Juvêncio está mais do que vivo  
e fica pensando em se tornar finado,  
esquecendo que o seu andejo nesta vida,  
ainda não está por inteiro acabado.

### Juvêncio

Esta vida...  
Todo esse tempo  
e, da minha vida...  
Nada sei.  
Esta vida... A nossa vida...  
Uma vida desgramada,  
vida abrutada e fria  
e, é por essa vida,  
por esta casa abespinhada,  
por esta cama mirrada,  
pela comida  
que sempre está fria,  
que este,  
quase defunto Juvêncio,  
deixou de ser o Juvêncio da Silva,  
nome recebido de criança na pia,  
pra ser o Juvêncio Boia Fria.  
Juvêncio da Silva,  
que negado lhe foi ser outro homem  
e que foi até mesmo prendado  
com outro sobrenome,  
perdendo o da pia,  
e passando a ser chamado de Juvêncio...  
Juvêncio Boia Fria.

Juvêncio da Silva,  
que nunca pode mesmo nem muito pensar,  
pois se pensasse...  
O Juvêncio da Silva poderia querer.

Juvêncio da Silva,

...

Enquanto Juvêncio falava, José percebeu que estava ouvindo tudo novamente o que seu pai, Trajano da Silva, sempre dissera. Absorto, ficou a contemplar, o seu amigo Sebastião, aquele que continuaria sendo o arauto de um novo sistema de vida entre os roceiros, como também todos aqueles que ouviam atentamente o falatório de Juvêncio.

Retirou-se sorrateiramente, tendo a certeza que as suas idéias seriam lembradas e apregoadas naquele meio pelo jovem Sebastião e por outros jovens roceiros, até que um dia, talvez bem próximo, a situação dos roceiros seja vista com responsabilidade, principalmente pelos próprios roceiros.

- É preciso, monologava José, que os próprios roceiros consigam a libertação, a reforma desse sistema ruralista dominador, anti-humano, degradante e antissocial. É isso. Somente com uma grande reforma, onde haja a participação da maioria desse povo sofrido da roça, é que poderá possibilitar a restauração de toda sistemática ruralista, possibilitando a extinção de todos os Trajanos... E outros da Silva.

(FIM)

## Glossário

Abespinhada : irritada, exasperada

Acabrunhação : grande tristeza

Açaçapados : medrosos

Acarraçados : acanhados

Acatamento : aceitação

Acochado : adoentado

Acochamento : estar sendo muito apertado

Acolhença : acolhida, respeito

Acolhência : benevolência

Afitos : mau olhar, indisposição, problemas

Alembração : lembrança, lembrado

Amochado : encolhido

Anca : dorso

Andejo : andando sempre

Apartação : separar o mato da terra boa

Apiedação : piedade

Apinhadas : cheias

Arribamento : subindo

Aventar : separar (cereais da casca atirando-os ao ar com peneiras ou pás)

Caipora : infeliz, desgraçado, pessoa de má sorte

Capinação : trabalhar no campo, carpir, roçar com enxada

Carijó : galo

Criando topete : criando coragem, audácia

Deferenciar : dar preferência

Desagrado : tristeza profunda, vergonha

Desgraçamentos : desgraças

Desgramada : desgraçada  
Dormência : sonolência  
Embriração : ato de embirrar, teimosia  
Grampudo : valente, briguento  
Guardamento : velório  
Manhêra : choradeira, lamentação  
Mirrada : definhada, miúda  
Miserento : miserável, pobre  
Mudação : mudança, modo de vida  
Os gatos : homens que ganham dos fazendeiros p/ contratar mão de obra  
Passamento : morte  
Pau de arara : caminhão de carregar bóia fria  
Pedição : ato de rogar, clamar pela ajuda de Deus  
Penuriosos : miseráveis  
Pestana : cochilar  
Proza afiada : conversa jogada fora  
Rastelar : raspar com rastelo de madeira  
Regalo : alegria, contentamento, boa vida  
Revivar : mudar de vida  
Sabência : sabedoria, inteligência, conhecimento  
Saravá : culto afro-brasileiro  
Sem desfeito : sem preguiça  
Tarifeiros : trabalhador que ganha por hora ou por serviço pré-determinado  
Vosmecê : vossa mercê.